

Autor(as): Marina Nahas Dafico Bernardes e Eline Maria Moura Pereira Caixeta

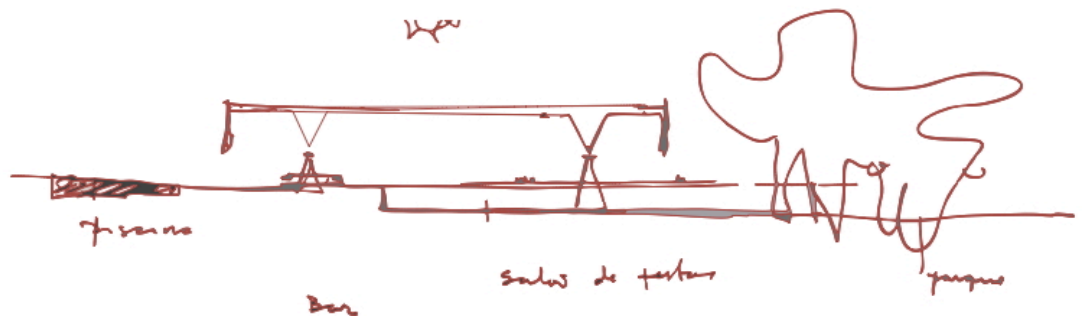
Unidade Acadêmica: Faculdade de Artes Visuais – UFG.

Email: marinanahas_9@hotmail.com

Palavras- Chave: história da arquitetura e da cidade; arquitetura moderna; Goiânia: memória e cidade; Paulo Mendes da Rocha; documentação.

JÓQUEI CLUBE DE GOIÁS

Documentação e história em busca do resgate memorial



revisado pelo orientador

Orientando(a): Marina Nahas Dafico Bernardes

Orientador(a): Eline Maria Moura Pereira Caixeta

Colaboradores: Juliana Cristina de Souza, Mariana Del'Aqua, Raiane da Silva Dias e Flavio Vasco.

Introdução

O estudo do passado, tanto em forma de documentos e artigos, como na forma da memória de pioneiros e antigos moradores, nos permite decodificar a cidade do passado e codificar a cidade do presente, incluindo o conhecimento de interações pessoais que configuram espaços e formas existentes na imagem da cidade que vislumbramos. (MEDEIROS, 2002)

Goiânia surge durante o período de introdução do movimento moderno, no Brasil, em que grandes centros urbanos, como o Rio de Janeiro, estavam sendo reestruturados de acordo com uma nova linha de pensamento: realista e pragmática, que procurava reorganizar as cidades em busca de proporcionar uma melhor qualidade de vida à seus habitantes. Seguindo os preceitos da arquitetura e do urbanismo modernos, a nova capital de Goiás tornou-se, então, símbolo de modernidade, inovação e ousadia, no qual o conceito de moderno era perseguido em todos âmbitos.

Devido a este fato, na partir da década de 1950, muitos dos edifícios construídos na capital seguiram a estética modernista. Segundo COELHO & ZÁRATE (2006) mesmo sendo obras isoladas, eram significativas, como exemplos de uma linguagem nova e diferenciada da produção arquitetônica inicial da cidade de Goiânia, constituindo verdadeiros elementos de destaque na paisagem. “Esses edifícios passam a fazer parte da imagem da cidade, materializando uma figura de modernidade que será almejada e reproduzida com restrições pela classe média”. (COELHO & ZÁRATE, 2006).

Dentre os edifícios modernos da cidade, quatro possuem características singulares, próprias do arquiteto e urbanista que os projetou: Paulo Mendes da Rocha. Formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Mackenzie, em 1954; já em 1959, foi convidado por Vilanova Artigas à lecionar na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Autor de várias obras vencedoras de concursos públicos como o Pavilhão do Brasil, na Expo 70, em Ozaka, Japão; e o Museu Brasileiro de Escultura (Mube), em São Paulo, obra que lhe valeu a indicação para o I Prêmio Mies Van der Rohe; em 2006, foi agraciado com o prêmio “Pritzker” de arquitetura, instituído pela Hyatt Foundation, sediada em Los Angeles.

Caracterizada pela clareza de implantação do edifício no terreno, sua obra procura sempre criar novas relações, novos usos em relação ao entorno, buscando por vezes, liberar o solo. Segundo Mendes da Rocha: “o território vai orientar o projeto, e este último, humanizar a natureza.”. (apud in ARTIGAS, 2002, p.9). De acordo com o arquiteto, o projeto deve ser pensado e realizado de modo a viabilizar da melhor maneira possível, a vida humana. Para isso, lança mão, segundo ARTIGAS (2002, p.11): “de soluções sintéticas e tecnicamente perfeitas”, no intuito de ressaltar a relação entre homem e natureza.

Os quatro edifícios que Paulo Mendes da Rocha projetou em Goiânia são: o Jockey Clube de Goiás (1962), a residência Bento Odilon Moreira (1963), o Estádio Serra Dourada (1975) e o Terminal Rodoviário(1983). Obras referenciais da arquitetura moderna na capital, que afirmam essa imagem da cidade, e que, devido a características particulares, geram novas relações entre “edifício” e “lugar”, criando novas espacialidades, “paisagens urbanas”, e assim reinterpretações do lugar moderno (CAIXETA, 2008).

A pesquisa “Paisagens Desoladas: quatro máscaras de concreto à deriva” vem então, estudar, analisar e entender a história desses edifícios e sua situação presente, desde a perspectiva de suas relações com o contexto urbano e social; refletindo sobre a evolução do espaço urbano contemporâneo, as linguagens que o configuram e reconfiguram; procurando, assim, enriquecer o entendimento da sociedade sobre a arquitetura e o urbanismo da cidade e resgatar, ou criar, o interesse, e o desejo, pela preservação destes bens urbanos.

Dentro desta premissa, nossa participação nesta pesquisa se refere ao Jockey Clube de Goiás. Fundado em 1937, por Pedro Ludovico Teixeira, este clube recreativo era ponto de encontro da elite goiana com o direito à apreciação dos grandes prêmios no hipódromo da Lagoinha; local onde as senhoras desfilavam a última moda, nos anos 1940. Esse *glamour* se manteve até mais ou menos o início dos anos 1960, quando o clube na região central de Goiânia era a atração principal, o que contribuía para a sua intensa movimentação. No entanto, com o passar dos anos, o que interessava ao joqueano não era mais apenas o *glamour* do turfe, mas os bailes que fizeram a história dos salões do clube. Nos anos 1970 e 1980, as equipes esportivas do Jockey levaram o nome do clube a importantes torneios regionais e até nacionais.

Já a partir dos anos 1990 a sociedade goianiense adquiriu novos hábitos e o Clube entrou em decadência, sofrendo com o passar do tempo, por uma série de adições de construções, que alteraram a lógica espacial do projeto. Suas estruturas de concreto foram descaracterizadas por operações de re-arquiteturas, como adições metálicas circunstanciais, que acabaram mutilando a elegância de seu partido “transverso”. A derrubada do bosque, para a construção de um estacionamento, pois fim na idéia norteadora de Mendes da Rocha para o projeto do clube, que era a integração da área das piscinas com o bosque. O Clube foi abandonado e esquecido pela sociedade. Situação que pretende-se reverter por meio da informação.

Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa é resgatar a documentação existente sobre o Jockey Clube de Goiás, desde plantas, croquis e outros descritos referentes ao projeto e a construção, além de toda

forma de memória escrita e oral sobre o processo de apropriação do edifício. Com isto pretende-se primordialmente compreender a história deste edifício, identificar atores relacionados a sua trajetória, conhecer e entender quais foram os fatores que determinaram ou condicionaram as interações que manteve com o espaço urbano e a sociedade, desde sua construção, até os dias de hoje. A partir da análise da documentação levantada, pretendemos tecer parte da história deste edifício e compreender sua relação com o contexto histórico, social e cultural em suas quatro décadas de vida.

Metodologia

Afim de se interpretar analiticamente o edifício em todo o seu contexto de produção –projeto, construção e apropriação– e em sua relação com o espaço urbano e a sociedade, foram lidos como aporte teórico os seguintes autores: Carlos Martí Arís (1999), Hélio Piñon (2002) e Roberto Convertei (1994). O primeiro discute a história como modo de entender o presente, apresentando uma análise bastante didática sobre as distintas maneiras de interpretar a história. O segundo aborda a dialética entre projeto e história, lugar e tempo, arquitetura e patrimônio; enfocando os componentes econômico, afetivo e artístico como pontos-chave para a compreensão da problemática do patrimônio arquitetônico. O terceiro enfoca a questão das mutações e transformações que naturalmente ocorrem na estrutura urbana das cidades e a questão da permanência e das diversidades neste contexto de transformação.

Esta pesquisa se baseou, em primeiro momento, na coleta e estudo de dados e todo o tipo de documentação escrita sobre o Jóquei Clube de Goiás, em arquivos públicos tais como a biblioteca da SEPLAN, o arquivo de projetos da GEPEL, a mapoteca da AGETOP, o arquivo fotográfico do Museu da Imagem e do Som de Goiânia, o arquivo do Museu Histórico de Goiânia e o arquivo do Jóquei Clube de Goiás, além de arquivos privados. Em um segundo momento, foram realizadas entrevistas abertas e semi-estruturadas com alguns envolvidos com o processo de projeto, construção e apropriação do edifício, bem como o levantamento fotográfico do clube, para complementar e checar os dados levantados.

Os dados coletados foram organizados e analisados na forma de um dossiê completo sobre o edifício, a ser divulgado e disponibilizado por meio digital. Este dossiê constitui-se de uma lista dos documentos encontrados com a identificação dos locais de origem; de um arquivo de imagens contendo todo o material gráfico e fotográfico levantado e de uma ficha técnica do edifício com a síntese das informações levantadas: dados de identificação da obra, localização na cidade, data do projeto e construção, autores do projeto arquitetônico e projetos complementares, agentes envolvidos na construção, dados técnicos do projeto e da construção e informações históricas

coletadas, relativas ao processo de projeto, construção e apropriação do edifício.

Resultados

A ausência de arquivos oficiais que preservem, pelo menos, a documentação institucional, dificulta em muito este tipo de pesquisa, pois as edificações raramente possuem dados de qualquer natureza em arquivos públicos. Neste sentido, a busca passa a ser conduzida por meio de informações recuperadas da imprensa, quando possível, e principalmente do testemunho de personagens envolvidos com a história dos edifícios e que se reflete num trabalho de fichamento, de modo geral, limitado, ocasionando um longo tempo para a coleta de dados.

Na pesquisa nos arquivos públicos como os da AGETOP (Agência Goiana de Transportes e Obras) e da SEPLAN (Secretária de Planejamento), encontrou-se pouquíssimos documentos que guardam a história do Clube e nenhum arquivo gráfico sobre o projeto de sua sede. O arquivo da SEPLAN estava em processo de organização, devido à mudança de sede da Prefeitura, dificultando a busca de documentos em papel, na medida em que estavam disponíveis para consulta apenas documentos digitais, a partir da década de 1990.

Em relação à pesquisa desenvolvida *in loco*, ou seja, no próprio edifício em estudo, a situação é agravada pelo estado de conservação e de organização destes documentos, mesmo levando-se em conta o fato do Clube e ter estado fechado durante todo o ano de 2009, sendo reaberto apenas em 2010, em condições precárias de funcionamento. O arquivo do Jôquei Clube divide-se em três partes: uma, com inúmeras plantas técnicas de intervenções que foram realizadas sobre o edifício, em total estado de degradação; outra, contendo recortes de jornais da década de 1970, organizados em cadernos; e uma última, recentemente descoberta, que se constitui em um volumoso arquivo de fotos, em péssimas condições de armazenamento, que preservam, a partir de imagens, toda a trajetória de vida do Clube.

Durante às visitas ao Clube foi realizado um extenso levantamento fotográfico do edifício e foram produzidas algumas imagens de análise do mesmo, realizadas a partir das informações encontradas. Abaixo, estão enumeradas e brevemente descritas toda documentação encontrada:

_ Coletânea de recortes de Jornal “Folha de Goiaz” e “ O Popular”, organizada pela Biblioteca da Seplan, que guardam e recontam parte da história do Clube. Trata-se de 12 reportagens sobre o clube, contendo 12 imagens de diferentes épocas. A maioria desses documentos relatam a vivência do clube pela sociedade, seus eventos, como era usado e apropriado por esta e a trajetória de seu uso, passando pela decadência até os dias de hoje, nos quais enfrenta problemas de ordem jurídica. As reportagens que tratam da arquitetura do edifício são poucas, relatando a demolição

da antiga sede, o início da construção da nova sede e, mais recentemente, as alterações realizadas para a instalação da Faculdade Padrão.

_ “Jornal de Recortes: Informação de interesse exclusivo”, organizado pela administração do Jóquei Clube, por intermédio de Clovis Batista. Tratam-se de cadernos que preservam tudo o que foi publicado sobre o Clube no ano de 1977. Dentre eles foram selecionadas 16 reportagens sobre o Clube, contendo 11 imagens. O conteúdo das reportagens e imagens retratam majoritariamente, os eventos que aconteciam no Clube e no Hipódromo Lagoinha, em sua maioria.

_ Arquivo de fotos do Jóquei Clube de Goiás. Trata-se de um extenso acervo, contendo 2.140 fotos que guardam momentos da história recente do Clube. Este acervo contém fotos, em sua maioria, datadas das décadas de 1970, 1980 e 1990, com imagens sobre a vivência no Clube – eventos, festas, torneios, jogos e personalidades da época– e os projetos e reformas realizadas.

_ Arquivo de imagens aéreas da área em que se localiza o edifício do Jóquei Clube de Goiás, com imagens de satélite dos anos 2004 à 2009.

– Arquivo de imagens variadas do periódico “O JÓQUEI”, folhetim produzido pelo clube, bimensal, que relatam notícias do Clube e parte de sua história com imagens antigas dos eventos e competições que aconteciam.

O levantamento fotográfico do Clube, realizado entre 2010 e 2011, contém 130 imagens do edifício, parte delas se refere ao ano em que esteve fechado e outra parte trata-se de fotos atuais, após sua reabertura, enfocando aspectos arquitetônicos e construtivos. Este levantamento contribuiu para a análise da obra, que enfoca seu funcionamento interno e sua relação com o contexto urbano, e para a realização de três fichas de inventário e levantamento do edifício – segundo modelos utilizados pelo IPHAN–, com a descrição do edifício e seu entorno, a avaliação de seu estado de conservação e preservação, além de imagens e dados históricos sobre a obra. Documento a ser utilizado pela instituição, afim de se definir ações de preservação nos bens identificados.

Entre os profissionais e atores relacionados à trajetória do edifício, foram entrevistados: Antônio Lúcio Ferrari, arquiteto que realizou as primeiras intervenções na nova sede do clube datadas do início da década de 1980; Maria Eliana Jubé, arquiteta e usuária do Clube, que realizou intervenções no início e final da década de 1990; Azor Ferro, arquiteto, sócio e usuário do Jóquei Clube Goiás, nas décadas de 1970 e 1980, e profundo conhecedor do projeto; e Mário Ghannam, sócio, usuário e presidente do Jóquei Clube de Goiás, entre 2010 e 2011, período em que ocorreu sua reabertura.

Discussão:

Segundo ROCHA (2009), em seu livro: “Goiânia 75 anos”, os estatutos para a criação do Clube, haviam sido aprovados no dia 29 de agosto de 1935, antes mesmo da mudança definitiva da capital do Estado, com o nome de Automóvel Clube de Goiás. Os sócios- pioneiros, outorgaram à Pedro Ludovico o cargo de Presidente de Honra da primeira diretoria. Em viagem ao Rio de Janeiro, Ludovico encontra-se com Oswaldo Aranha, então Ministro da Fazenda, sendo informado de que o governo Federal disponibilizava verba para a construção de clubes, desde que a atividade fosse o hipismo. Com a mudança do nome para Jóquei Clube de Goiás o Clube foi viabilizado, sendo fundado no dia 28 de abril de 1937. (O JÓQUEI, 2011, p. 2)

A partir das pesquisas feitas e relatos colhidos, a antiga sede, ainda na época conhecida como Automóvel Clube de Goiás era muito bem apropriada pela sociedade. Local freqüentado pela elite goiana, onde ocorriam as principais festas da capital, bailes de formatura, carnavais, matinês, réveillons, com música ao vivo, orquestras. Suas características arquitetônicas são sempre lembradas pela população como aspectos agradáveis. A partir das entrevistas realizadas os usuários sempre a relatam como um grande casarão, com estilo próximo ao eclético, com um salão principal rodeado de varandas.



Figura1: Antiga sede do Jóquei Clube de Goiás, Autor desconhecido. Fonte: Arquivo do Jóquei Clube de Goiás, Goiânia, 2011.

No entanto, com o surgimento de novos clubes na década de 1970, como o Clube de regatas Jaó, o Country de Goiás e Jóquei Clube de Brasília, a sociedade joqueana sentiu a necessidade de renovar suas instalações, com a criação de uma nova sede, que melhor atendesse às necessidades do público freqüentador, com maior área, conforto, funcionalidade e modernidade. Segundo o jornal

“O Popular” (09/02/1975, p.7), a nova sede foi projetada com a intenção “de atualizar o Jóquei, ou seja, oferecer à sociedade o que ela merece, um palácio!”

Em 1965 é iniciada a construção da nova sede do Jóquei Clube de Goiás. Segundo crônica da época:

De projeto arquitetônico dos mais modernos, o Jóquei Clube, hoje, não é mais apenas um conjunto de piscinas ou um antigo casarão que lhe servia de sede. Edificação no centro da cidade, o Jóquei é o mais moderno clube social do Estado e um dos melhores do País. (O POPULAR, 1975, p.7).

A obra demorou sete anos para ser concluída, sendo inaugurada para a sociedade em 1975, ano no qual foram concluídos vários outros edifícios representantes dos princípios modernistas como o Tribunal de Justiça de Goiás, o Parthenon Center, o Estádio Serra Dourada e o Autódromo de Goiânia.

A nova sede do Jóquei foi inicialmente construída pela empresa SIGLA, de Irapuan Costa Júnior e Álvaro Razuque, mais tarde incorporada pela construtora PROVALE, dos irmãos Vale, que concluiu a construção do edifício.

Projetado por Paulo Mendes da Rocha, em um terreno com 22.000m², o edifício possui 11.500m² de área construída. Comparado a outros clubes que surgiram na mesma época, o Jóquei Clube de Goiás possuía outra proposta, um Clube com caráter eminentemente urbano, construído na área central da cidade, com uma área mais compacta.

Edificado em vários níveis, a nova sede buscou uma implantação no terreno, que permitisse diferentes relações de usos e fluxos, integrando e relacionando seus diversos ambientes e funções, fato relatado por seus usuários.

“O Jóquei era um clube lindo e funcionava perfeitamente, tinham umas coisas muito interessantes, por exemplo, eu jogava no Jóquei, então aquela coisa da quadra estar dentro do clube era muito interessante, porque quando tinha torneio, aquilo fervia de gente, o clube era muito vivo. [...] E ele agitava em tudo, o carnaval da cidade o melhor era o dele.” (FERRO in: NAHAS, 2011c)

O partido de Paulo Mendes para o clube concentrava-se realmente na fluidez dos espaços, possibilitando ao usuário que estivesse, por exemplo, na praça das piscinas ter a vista do bosque, do ginásio, do salão de festas, e assim por diante.(FERRO in: NAHAS, 2011c)



Figura 2: foto: Rampas e níveis do Jóquei Clube de Goiás, Fonte: Marina Nahas Dafico Bernardes, 2010.

Toda a estrutura do edifício situa-se no seu perímetro de modo a liberar os espaços internos, criando assim grandes vãos livres permitidos pela técnica empregada do concreto armado. Os pilares, de grandes dimensões, atuam estrutural e plasticamente. As fachadas do edifício são compostas pelo mesmo elemento estrutural que suporta a cobertura. O arquiteto utiliza os elementos estruturais, adicionando a eles um sentido plástico, a exemplo da platibanda, que ao mesmo tempo exerce a função de vedação e *brise soleil* vertical. Todas as instalações elétricas e hidráulicas também faziam parte desta articulação entre elementos formais e funcionais.

O projeto do Paulo era um projeto que não pedia mais nada, ele é tão aberto, e tão simples, que não pede mais nada, não tem como colocar mais uma porta, uma janela, uma escada. [...] Ele já tem tudo e foi tudo previsto, até o que não foi feito.” (FERRO in: NAHAS, 2011c)

Seguidor dos princípios da estética modernista, Paulo Mendes divide as funções do clube em setores, criando de certa forma um uso dirigido e controlado deste mas, no entanto, a partir da criação desses grandes espaços livres, permite a flexibilidade de uso e a multifuncionalidade dos espaços.

Nas décadas de 1970 e 1980, no Jóquei Clube de Goiás, também conhecido como o Aristocrático, aconteciam os principais eventos, como: bailes de formatura, bailes de debutantes, bailes de carnaval, réveillons, concursos de beleza, entre outras festas. Era o espaço de encontro da elite goiana. Sendo assim muito bem freqüentado. Se destacava também, pelos esportes, o time de basquetebol do Jóquei era muito forte e conhecido no cenário nacional e internacional. E era ainda no Jóquei Clube, local em que recebiam as principais autoridades e celebridades vindas à capital, constituindo, durante este período, em equipamento urbano de extrema importância para a

sociedade. Muitas imagens e reportagens sobre esses eventos, recepções e competições, foram coletadas dos arquivos público da SEPLAN e do próprio arquivo do Jóquei Clube de Goiás.



Figura 3: Jogos no Jóquei Clube de Goiás, Autor: Mantovani Fernandes, década de 80. Fonte: Arquivo do Jóquei Clube de Goiás, Goiânia, 2011.

No final dos anos 1980 e início dos anos 1990, inicia-se um profundo abandono do Jóquei Clube de Goiás, por parte de seus usuários que foram deixando de frequentar o clube, que com o passar do tempo começou a ter problemas financeiros, entrando assim em crise, que culminou com o seu fechamento, em 2009. Neste período o Clube já não possuía energia, água, telefone, e não tinha, inclusive, condições de orçar seus gastos, em estado de total decadência, a partir de informações colhidas através dos funcionários.

Durante a vida do edifício, foram realizadas várias intervenções e reformas com o objetivo de oferecer melhores condições de uso da estrutura do edifício por parte dos associados e adaptar o Clube às novas exigências da sociedade, as primeiras delas foram às reformas projetadas pelos arquitetos e urbanistas, Antônio Lúcio Ferrari e Maria Eliana Jubé Ribeiro.

Com o crescimento da cidade de Goiânia, o alargamento de suas fronteiras e o surgimento dos novos “sub-centros” financiados pelo advento do automóvel que possibilitou o aumento das distâncias percorridas; as necessidades da população se alteraram e ao mesmo tempo em que a forma de uso, os costumes e apropriação dos equipamentos urbanos se transformaram, já que a sociedade é dinâmica, sofre modificações, mutações, é um órgão vivo. Para acompanhar essas transformações de necessidades, de hábitos, os equipamentos devem ir se renovando, se modernizando. A maioria das intervenções realizadas no Jóquei Clube de Goiás tiveram esse objetivo.

A partir do uso mais intenso do automóvel na cidade, houve a necessidade então de se criar no edifício um espaço reservado para comportar os veículos dos usuários. Na época da administração

do presidente César Augusto Sebba (1983 à 1986), foi projetado pelo arquiteto Antônio Lúcio Ferrari Pinheiro, um espaço no subsolo, com função de estacionamento e acesso à entrada principal do Clube. Neste mesmo período, o arquiteto projeta também um espaço na praça das piscinas, com piscinas voltadas para o público infantil, que estabelecia uma conexão com a piscina dos adultos em busca de facilitar o controle das crianças por parte dos pais. (FERRARI in: NAHAS, 2011b)

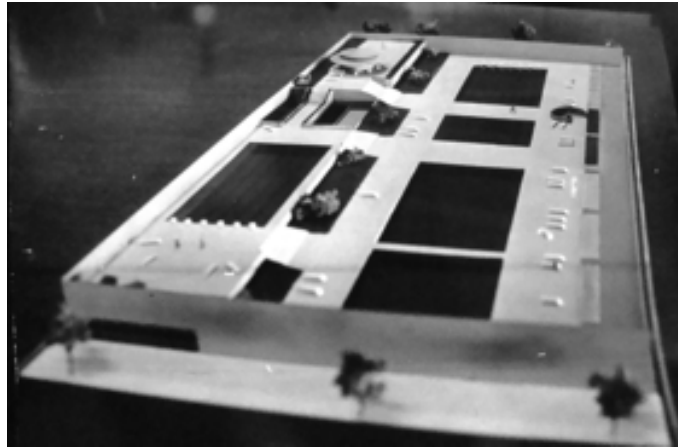


Figura 4: Foto da maquete física da intervenção proposta pelo arquiteto Antônio Lúcio, Autor desconhecido, década de 80. Fonte: Arquivo do Jôquei Clube de Goiás, Goiânia, 2011.

Outras reformas e adaptações feitas no Clube com o propósito de modernizá-lo e permitir que este ofereça-se novos serviços aos usuários foram projetadas pela arquiteta Maria Eliana Jubé Ribeiro, na época da administração de Joviro Rocha, que esteve à frente do Jôquei de 1991- 1996 e mais tarde de 1999- 2002. Estas intervenções foram realizadas no sentido de gerar novos usos, ou modificações destes com o objetivo de atender às exigências dos usuários. Uma das alterações ocorreu no sanitário feminino, com a retirada de parte dos escaninhos e a criação de uma sauna feminina, com espaço de estar e descanso. Maria Eliana projetou também sanitários para o salão de festas e para a área das piscinas em busca de trazer maior conforto aos usuários. Além de uma área destinada ao público infantil com piscinas associadas à brinquedos na área destinada ao bosque. Outra intervenção realizada, nesta época, foi a criação de painéis de azulejos cerâmicos, compondo um mosaico, fazendo referência ao modernismo, em busca de diminuir as degradações feitas no clube como as pichações que assolavam seus muros. (RIBEIRO in NAHAS, 2011a)



Figura 5: Foto: Parque infantil projetado por Maria Eliana Jubé, Autor desconhecido, década de 80. Fonte: Arquivo do Jôquei Clube de Goiás, Goiânia, 2011.

A partir do início das intervenções maiores, que interferiram de maneira mais agressiva sobre o edifício descaracterizando-o, ao alterar sua estrutura e composição formal, como a construção do anexo das quadras; a arquiteta deixa claro a sua não concordância com o projeto e a partir daí não atende mais às propostas requeridas pela administração do Jôquei, que certamente buscou outro profissional para dar prosseguimento ao projeto.

As maiores alterações e intervenções ocorreram na última década, a partir do contrato assinado entre o Jôquei Clube e a Faculdade Padrão, que teria então a administração do Clube em suas mãos. As transformações não foram poucas e tiveram drásticos resultados sobre a estética, funcionalidade e relações propostas pelo arquiteto Paulo Mendes para o clube, sem nenhum respeito com sua arquitetura. Entre as intervenções realizadas temos a derrubada do Bosque inteiramente, com a retirada de árvores centenárias, que faziam parte de uma área de preservação ambiental, para a construção de um estacionamento, e a demolição do muro de concreto armado que fechava o local, para a colocação de grades. Junto com o bosque toda a área destinada ao parque infantil, que englobava as piscinas e o parquinho foi também demolida. Com toda a área sendo impermeabilizada a obra é posteriormente embargada pela prefeitura de Goiânia, segundo reportagem do jornal “O Popular” (19/05/ 2008; p. 02).

As intervenções no edifício não foram poucas. Em busca de maquiagem o edifício, por exemplo, suas paredes foram pintadas de cores como verde e branco, elementos que eram de concreto armado aparente propositalmente, devido aos princípios modernistas. Enfim uma série de alterações, sem respeito algum ao edifício existente, que intensificaram e intensificam sua degradação e empobrecimento, contribuindo apenas para sua maior decadência. “Foram criados uma série de

artifícios, de bandaid, com projetos que desrespeitam completamente a concepção [...] Podemos constatar o quanto um bom projeto pode ser destruído na medida que ele é incompreendido”. (FERRO in: NAHAS, 2011c).

O Jóquei Clube, com suas estruturas de concreto descaracterizadas por operações de re-arquiteturas catastróficas como as adições metálicas circunstanciais que mutilaram completamente a elegância de seu partido “transverso”. O edifício e o bosque eram volumes de materia diversa que dialogavam entre si criando tensões inesperadas, este contraponto foi quebrado pela eliminação do bosque para a futura implantação de um estacionamento; assim como uma série de outras adições de construções alheias a lógica espacial do projeto.(CAIXETA & FROTA, 2008, p. 5)

Todos esses fatores então contribuíram para o fechamento do Clube no ano de 2009, que enfrenta muitos problemas jurídicos que embargam também o seu desenvolvimento e real controle do edifício para sua satisfatória recuperação.

Considerações finais:

A partir de todos os documentos levantados, todas as entrevistas, trabalhos de campo e estudos realizados buscando então entender a trajetória desse tão importante e descuidado equipamento urbano, podemos concluir que a nova sede do Jóquei Clube de Goiás, teve sim seus anos de ouro, tendo sido realmente bem apreendido e vivenciado pela sociedade durante os anos 1970 e 1980. No entanto, o Clube não conseguiu se adequar às novas exigências e expectativas da população, caindo em desuso e esquecimento.

Pode-se constatar que vários fatores contribuíram para o declínio de um dos mais bem freqüentados clubes da capital, entre eles má administração que não soube adaptar o clube aos novos tempos, a alteração dos hábitos e costumes da sociedade e o surgimento de novas tipologias de habitação e lazer, como os condomínios fechados, a dificuldade de acesso ao Clube pelo número reduzido de vagas de estacionamento e diversas intervenções mal sucedidas no edifício, entre outros fatores.

No entanto, por parte de muitos funcionários do Clube o sonho de reerguê-lo nunca morreu, tanto é que em 2010 ele foi reaberto para a sociedade, situação que não repara o atual estado de decadência deste.

A partir das análises e discussões realizadas, entendemos que a reestruturação do edifício, de modo que volte a ser freqüentado pela sociedade e ao mesmo tempo preservado, pelo seu valor arquitetônico seja uma alternativa bastante viável. A alteração da função do edifício, com a

intenção de transformá-lo em um espaço de estímulo à cultura e lazer, por exemplo, é possível por sua localização, próxima ao Teatro Goiânia e de outros equipamentos culturais da cidade, e na medida em que o próprio edifício comporta novos usos pela flexibilidade e dimensão de seus ambientes.

O próprio arquiteto já tinha previsto essa situação. Segundo ele, o edifício por se localizar em uma área muito nobre sofreria certamente pressões para sair do local (CAIXETA & FROTA, 2008). A análise realizada demonstra que sua arquitetura, com grandes vãos, espaços integrados e planta flexível, poderia adaptar-se facilmente à novas funções.

Os edifícios e importantes equipamentos urbanos devem caminhar com as transformações da sociedade, procurando obter o mesmo dinamismo em busca de adaptar-se às variáveis, objetivando ao mesmo tempo preservar-se enquanto equipamento útil e tornar-se partes da história da sociedade que o habita. Pois somente uma cidade preservada, com exemplares edificados que possam recontar a sua história, consegue se constituir como um lugar lembrado e apropriado por seus habitantes.

Referências Bibliográficas:

ARTIGAS, Rosa (org.). **Paulo Mendes da Rocha**. São Paulo: Cosac & Naify; Associação Brasil 500 anos, Artes Visuais, Fundação Bienal de São Paulo, (2º edição), 2002.

BATISTA, Clovis. **Jornal de Recortes**: Informação de interesse exclusivo. Jôquei Clube de Goiás, jan.1977, Goiânia, mimeo.

CAIXETA, Eline & FROTA, José Artur. “Paisagens desoladas. Quatro máscaras de concreto em deriva”. **II Seminário DocomomoSul**. O Concreto. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2008.

CAIXETA, Eline & NAHAS, Marina. **Entrevista a Mário Ghannam**. Goiânia, 2011. 1 cassete sonoro (51min), estéreo.

CONVERTI, R. “Metamorfosis”. In: **ARQUIS 4**, Centro de Investigaciones en Arquitectura/ Universidad de Palermo/ Editorial CP67, (dez. 1994), Buenos Aires, p. 4-7.

CULTURA, Instituto Casa Brasil. **Goiânia, Art Déco**: Acervo Arquitetônico e Urbanístico-Dossiê De Tombamento. Goiânia: Instituto Casa Brasil de Cultura, 2010.

FOLHA DE GOIÁS. “Demolição”. **Folha de Goiaz**, Goiânia, 28 de fevereiro de 1965.

FOLHA DE GOIÁS “Inicia a construção”. **Folha de Goiaz**, Goiânia, 13 de agosto de 1965.

GOIÁS, Clube de Engenharia. **Clube de notícias**. Goiânia: Clube de Engenharia de Goiás, Bimestral, 2010.

- GOIÁS, Jóquei Clube. **O Jóquei**. Goiânia: Jóquei Clube de Goiás, Bimestral, 2010.
- GOIÁS, Jóquei Clube. **O Jóquei**. Goiânia: Jóquei Clube de Goiás, Bimestral, 2011.
- MARTÍ ARÍS, C. “El Movimiento Moderno y la interpretación de la historia”. In: **Revista Arquitectura**, Colégio de Arquitectos de Madrid/ COAM, (1999), Madrid, p. 30-32.
- NAHAS, Marina. **Entrevista a Maria Eliana Jubé**. Goiânia, 2011a. 1 cassete sonoro (43min), estéreo.
- NAHAS, Marina. **Entrevista a Antônio Lúcio Ferrari**. Goiânia, 2011b. 1 cassete sonoro (2:30min), estéreo.
- NAHAS, Marina. **Entrevista a Azor Ferro**. Goiânia, 2011c. 1 cassete sonoro (1:20min), estéreo.
- VAZ, M. D. A. C.; ZÁRATE, M. H. V. “A experiência moderna no cerrado goiano”. In: **Aquitexto**, nº67, 2006.
Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp341.asp>
- O POPULAR “Novo Jóquei”. **O Popular**, Goiânia, 09 de fevereiro de 1975; pág7.
- O POPULAR “Como nasceu”. **O Popular**, Goiânia, 16 de dezembro de 1964.
- PIÑON, Hélio. **Paulo Mendes da Rocha**; São Paulo: Romano Guerra Editora, 2002.
- ROCHA, Hélio. **Goiânia 75 anos**. Goiânia: Ed. Universidade Católica de Goiás, 2009.